

Blogs e as práticas de escrita sobre si na internet*

Fabiana Komesu**

1. Lingüística e tecnologias digitais

A importância das tecnologias digitais na vida humana é questão de interesse nos variados domínios de produção do saber. No domínio da Lingüística, por exemplo, já existem inúmeros estudos cujo objeto são os *e-mails*,¹ os *bate-papos virtuais*,² os *fóruns de discussão*,³ as *aulas virtuais*,⁴ as *home pages*.⁵ Há, certamente, ainda, muito a ser investigado em termos da linguagem e da constituição do sujeito sob as condições de produção das tecnologias digitais.

A utilização crescente do computador e da internet demandam pesquisas de cunho social e, dessa perspectiva, o papel da linguagem torna-se central, como lembra Crystal no prefácio de sua obra *Language and the Internet* (2001 : viii). O que releva do ambiente da tela do computador na atividade de navegação pelas páginas *Web*, na recepção e no envio de *e-mails*, nos diálogos travados em *chats* e em fóruns de discussão, são os elementos lingüísticos que emergem do trabalho do escrevente/leitor das páginas hipertextuais.

Pode-se afirmar, portanto, que os estudos lingüísticos sobre a escrita são tomados, no contexto das tecnologias digitais, com curiosidade e muito fôlego, uma vez que as produções ligadas à internet são, fundamentalmente, baseadas na atividade de escrita (Marcuschi, 2002 : 5). Crystal justifica a redação de seu livro por um interesse no “papel da linguagem na Internet e o efeito da Internet na linguagem” (2001 : idem).⁶ De minha parte, proponho a problematização de algumas questões sobre uma atividade de escrita desenvolvida por usuários da rede no mundo todo e que, no Brasil, chama-se *weblog* ou *blog*. Essas questões fazem parte de minha tese de doutoramento em Lingüística, em andamento, cujo material de análise advém dos escritos sobre si produzidos por usuários da internet e tornados públicos por esse meio.

2. Blog na rede

Blog é uma corruptela de *weblog*, expressão que pode ser traduzida como “arquivo na rede”. Os *blogs* surgiram em agosto de 1999 com a utilização do *software* Blogger, da empresa do norte-americano Evan Williams. O *software* fora concebido como uma alternativa popular para publicação de textos *on-line*, uma vez que a ferramenta dispensava o conhecimento especializado em computação. A facilidade para a edição, atualização e manutenção dos textos em rede foram – e são – os principais atributos para o sucesso e a difusão dessa chamada ferramenta de auto-expressão. A ferramenta

* Publicado em *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*, organizado por Luiz Antonio Marcuschi e Antonio Carlos Xavier (Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p.110-119).

** Doutoranda em Lingüística – Instituto de Estudos da Linguagem / UNICAMP.

¹ Cf., a esse respeito, Crystal (2001), em especial capítulo 4; e a análise de Marcuschi (2002 : 19-21) sobre as mensagens via correio eletrônico como gênero textual.

² Cf., a esse respeito, Crystal (2001), em especial capítulo 5; Braga (1999).

³ Cf., a esse respeito, Corrêa (1999a, 1999b); Cusin-Berche & Mourlhon-Dallies (2000).

⁴ Cf., a esse respeito, Beach & Lundell (1998); Kieffer, Hale & Templeton (1998); Labbo & Kuhn (1998).

⁵ Cf., a esse respeito, Komesu (2001).

⁶ A responsabilidade da tradução é minha.

permite, ainda, a convivência de múltiplas semioses, a exemplo de textos escritos, de imagens (fotos, desenhos, animações) e de som (músicas, principalmente). Atualmente, a maior parte dos provedores não cobra taxa para a hospedagem de um *blog*.

No Brasil, estimativa divulgada pela grande imprensa em agosto de 2002 apontava para a cifra de 170.000 escreventes de *blogs*, considerando-se apenas os usuários que têm seus arquivos hospedados em dois *sites* brasileiros que oferecem o serviço (Oliveira, 2002). Em entrevista veiculada pela internet, Williams, um dos criadores do Blogger, afirmou que a cada dia há a inscrição média de dois mil novos usuários (Cashel, 2002). No mundo todo, acredita-se que já exista um milhão de escreventes de *blogs*.

Interessa-me investigar nos estudos em Lingüística e, em especial, em Análise do Discurso, o contexto do aparecimento de um *software* que permite ao consumidor não especialista em informática a criação de uma página pessoal, na qual seus documentos podem ser atualizados constantemente. Pode-se questionar, com Debray (1993), as relações entre uma atividade de escrita sobre si e a maneira como é colocada em circulação por meio de um suporte material específico, considerando-se a relevância da questão do suporte como traço constitutivo das atividades humanas. Pode-se discutir, ainda, com Maingueneau (1984), como esta atividade de escrita sobre si é constituída enquanto “prática discursiva”, em seu modo de organização e na rede de circulação de seus enunciados.

Há, pelo menos, dois fatores que justificam a popularidade de uma ferramenta como o Blogger na produção dos escritos pessoais: (1) a ferramenta é popular porque não demanda o conhecimento do especialista em informática para sua utilização e (2) a ferramenta é popular porque gratuita, não se paga (ainda...) por seu uso ou pela hospedagem do *blog* no *site* que oferece o serviço. Existem, certamente, custos para o usuário. Da aquisição do computador à assinatura do provedor, dos gastos com pulsos telefônicos ao consumo, infindável, de programas que garantem o *upgrade* da máquina, visto que a rápida obsolescência é característica dos meios em informática.

Sob essas condições de acesso, a parcela da população que usufrui de computador e internet pode utilizar o *software* para a expressão de seus sentimentos, principalmente, na atividade de escrita – e por meio de outras semioses, como a imagem e o som. Não se trata da exibição da vida particular de celebridades, mas do cotidiano e das histórias de pessoas consideradas comuns porque não exercem quaisquer atividades que lhes dêem destaque social, a não ser o fato de possuírem um *blog* na rede.

A avaliação das práticas sociais de um exibicionismo da vida privada em eventos textuais como os *blogs* é questão que pode ser estendida a outros meios de comunicação. Limito-me a mencionar a televisão, para ficar com um dos exemplos mais célebres. Nos últimos anos, os canais de televisão no mundo todo iniciaram a produção de programas que se ocupam do cotidiano de pessoas comuns, colocadas para conviverem juntas num mesmo ambiente. Por meio dos votos dos telespectadores, há a seleção de um vencedor. O “sobrevivente” recebe, ao término do programa, um montante em dinheiro. No Brasil, a fórmula é intitulada “Big Brother Brasil”. Nos Estados Unidos, há, entre outros, “Temptation Island”. Na França, “Loft Story”. Não se pode esquecer que o sucesso do exibicionismo, seja em escritos pessoais, seja na apresentação física dos corpos, deve-se, também, ao olhar do Outro, leitor e telespectador atentos, computáveis enquanto audiência do *site* ou canal de televisão.

3. Tempo, espaço e interatividade na constituição dos *blogs*

A ferramenta Blogger não foi concebida, como esclareceu em entrevista um de seus criadores, Evan Williams, para a criação de *blogs* ou “diários digitais” (UOL, 2001). No entanto, foi na produção dos chamados diários digitais, virtuais ou *on-line*, que ela se tornou amplamente empregada.

Em dois dos maiores *sites* brasileiros destinados à produção de *blogs*, encontram-se as seguintes definições:

O Blog é um diário digital na internet que pode ser visto por qualquer pessoa.
[BliG – o blog do iG – <http://blig.ig.com.br>]

Weblog é um diário virtual, onde você poderá disponibilizar pensamentos, idéias e tudo o que você imaginar na internet. [WebloggerBrasil – <http://weblogger.terra.com.br>]

A escrita sobre si e a atividade em diários são diretamente associadas por essas duas instituições do mercado de informática. O emprego dos adjetivos “digital” e “virtual” advém do campo semântico da informática. Não se trata, no entanto, do léxico do especialista, mas de um vocabulário partilhado socialmente e vulgarizado por outras instâncias de comunicação. As definições aparecem em *sites* e, a princípio, qualquer pessoa pode acessá-los para o consumo dos produtos oferecidos. Na primeira definição, a formulação do enunciado evidencia que os escritos poderão ser lidos por qualquer pessoa que tenha acesso à internet, com ênfase no caráter público da atividade. Na segunda definição, explica-se que o “diário virtual” é um lugar em que o escrevente pode disponibilizar pensamentos, idéias e “o que mais puder imaginar” (além dos pensamentos e idéias...) via internet, na caracterização de uma expressividade da ferramenta.

O *blog* é concebido como um espaço em que o escrevente pode expressar o que quiser na atividade da (sua) escrita, com a escolha de imagens e de sons que compõem o todo do texto veiculado pela internet. A ferramenta empregada possibilita ao escrevente a rápida atualização e a manutenção dos escritos em rede, além da interatividade com o leitor das páginas pessoais. Os *blogs* possuem, portanto, características diferenciadas dos diários tradicionalmente escritos. Acredito que não se deve associá-los porque são *acontecimentos discursivos* distintos, cuja materialidade advém de “gêneros do discurso” também distintos. A noção de “gêneros do discurso” que assumo está relacionada, em parte, aos estudos bakhtinianos a respeito das esferas da atividade humana, cujos enunciados produzidos identificam os referidos gêneros (Bakhtin, 1997). Interessa-me discutir ainda, com Maingueneau (1995, 1997), a articulação entre as características formais dos enunciados e as condições de sua enunciação no reconhecimento de um gênero discursivo. A definição de um gênero somente pode ser realizada na *dimensão intergenérica* que um gênero estabelece com o(s) outro(s) para se constituir como tal. Não se pode perder de vista a dimensão heterogênea que a noção de gênero implica.⁷

A aproximação dos *blogs* ao gênero dos diários pode ser justificada pela projeção de uma imagem estereotipada daquele que se ocupa de escritos pessoais. Quem escreve sobre si, para narrar acontecimentos íntimos, insere-se na prática diarista. O aparecimento dos *blogs* é ainda bastante recente; como atividade humana, apóia-se em gêneros “relativamente estáveis”, já consagrados, para sua composição. Pode-se, assim, identificar traços do gênero diário na constituição dos *blogs*.

⁷ A propósito de um estudo das *relações intergenéricas* na constituição dos gêneros do discurso, cf. Komesu (2003).

Lejeune (2000), em seu estudo sobre diários de escreventes francófonos, produzidos no computador, estabelece critérios para a distinção das práticas diaristas tradicionais, cujo suporte é o papel, e as práticas de escrita no computador, veiculadas ou não pela rede. O autor considera a pertinência de oito eixos para a avaliação desses “*dois espaços de escrita diferentes*”: o traço, a distância, a correção, a discricção, a releitura, a virtualidade e os circuitos [Lejeune, 2000 : 13-42 (destaques no original)].

Interessa-me discutir, neste trabalho, a consideração de três eixos: tempo, espaço e interatividade na produção textual dos *blogs*. A análise não é independente dos estudos realizados por Lejeune, porém, procuro orientar-me por critérios lingüístico-discursivos visando as minhas próprias reflexões.

As primeiras análises do material da pesquisa apontaram para a relevância da questão do tempo na prática de escrita dos *blogs*. Um dos traços marcantes na prática de diários é o cabeçalho, no qual aparece a data da produção textual. A percepção da passagem do tempo é questão de meu interesse nos estudos sobre escrita, pois acredito que o registro do cotidiano, por essência banal, assume um valor diferenciado na prática diarista. Esta indicia, em sua atividade, a vontade do indivíduo de “ritmar o tempo” para a historização de si mesmo.⁸

De uma amostra de 10 (dez) *blogs* do conjunto que compõe o material da pesquisa, todos apresentavam cabeçalho que antecedia o corpo do texto, no qual figuravam o dia da semana e a data exata do envio da produção textual (dia, mês e ano), como em:

Quarta-feira, 08 de maio de 2002

::Perdida no Paraíso. Uma estranha no Paraíso::

Segundo o Strange Little Boy, só existem dois tipos de adolescentes que cultivam *blogs*. O primeiro tipo são os adolescentes que pretendem fazer faculdade de publicidade. O segundo são os adolescentes deprimidos. Eu não sou exatamente uma adolescente. Sou uma garotinha de vinte anos um pouco deprimida e que por enquanto não pensa em fazer faculdade nenhuma. (...)

:: por :: Perdida no Paraíso [*link para e-mail*] | 03:02:58 ::algo a dizer??:

[::Perdida no Paraíso. Uma estranha no Paraíso.: (41.F)⁹ (destaques no original)]

“Perdida” é o apelido adotado por uma escrevente que se identifica como pessoa do sexo feminino, 20 anos, residente no Estado de Minas Gerais (Brasil). Começou a fazer faculdade na cidade de São Paulo, mas abandonou o curso e voltou a morar com os pais e a irmã mais nova. Sem saber que caminhos seguir na vida – como evidencia a escolha do apelido –, Perdida passou a narrar seus dias de pós-adolescente desempregada na internet. Com devoção e uma certa disciplina, Perdida exercita a atividade de escrita sobre si e publica seus textos *on-line* quase todos os dias no *blog* “:: Perdida no Paraíso. Uma estranha no Paraíso.:” (<http://perdidanoparaiso.weblogger.com.br/>).

O fragmento coloca em destaque um determinado modo de organização textual que evoca a prática dos diários tradicionalmente escritos. A referência mais explícita sobre o tempo é marcada no cabeçalho que especifica o dia da semana, do mês e o ano, como nas práticas diaristas tradicionalmente manuscritas. Por se tratar da discussão sobre uma ferramenta de informática destinada à publicação de textos *on-line*, deve-se reconhecer as nuances do suporte para a constituição de um determinado modo de enunciação.

⁸ A propósito de estudos históricos sobre a prática diarista, cf. Corbin (1991) e Martin-Fugier (1991).

⁹ A anotação entre parênteses refere-se à identificação do *blog* do escrevente por um número de 1 (um) a 50 (cinquenta), distribuído aleatoriamente, ao qual foi acrescentada a letra M, no caso dos escreventes do sexo masculino, ou a letra F, no caso dos escreventes do sexo feminino.

Acredito que as especificações apresentadas dizem respeito ao momento exato em que o texto foi disponibilizado em rede pelo escrevente. A marca explícita do tempo no evento textual dos *blogs* pode ser observada também na indicação da hora de sua *postagem*, ou seja, de seu envio, na assinatura que se encontra abaixo do texto:

:: por :: Perdida no Paraíso [*link para e-mail*] | 03:02:58 ::algo a dizer??: [os destaques são meus]

na qual “03:02:58” indica que o texto foi disponibilizado em rede pouco depois das três horas da manhã. Esse tipo de indicação automatizada foi conferido em todos os *blogs* avaliados.

A prática diarista tradicional não representa o tempo da produção textual em horas, minutos e segundos. A representação da instantaneidade da produção escrita não é justificável numa prática em que os escritos pessoais são produzidos como reflexões a serem guardadas e lidas somente pelo escrevente ou por alguns poucos conhecidos. A velocidade da comunicação deve ser justificada e apresentada nos casos em que a produção textual é vinculada à eficiência desse traço para o consumo do produto em sua visibilidade mercadológica.

Os *blogs* podem ser caracterizados, portanto, numa *relação temporal síncrona*, ou seja, constituída na simultaneidade temporal entre o que é escrito e o que é veiculado na rede.¹⁰ As marcações do dia e da hora exata do evento textual, indicadas de modo automático pelo programa, apontam para um duplo caráter na atividade de reformulação dessa escrita. Ao mesmo tempo que o texto do *blog* é *eternizado* porque materializado pelos suportes (da escrita, da internet), ele é, também, extremamente *fugaz*, porque é prontamente substituído ou apagado do espaço de sua circulação.

Ainda a respeito do tratamento do suporte em sua relação com referências explícitas de tempo, torna-se importante destacar que metade dos textos analisados apresentou uma composição sintática diferenciada na redação do cabeçalho. Embora redigidos em português brasileiro, a sintaxe dos enunciados era a do inglês, muito provavelmente, dada a origem e o padrão norte-americanos do *software*. Entre os textos da amostra, encontrei cabeçalhos como “Segunda-feira, Abril 15, 2002” (46.M), a exemplo da ordem sintática para esse tipo de texto em inglês (Monday, April 15, 2002). A ordem correta em português brasileiro seria “Segunda-feira, 15 de abril de 2002”. Na prática diarista manuscrita, uma incorreção como essa é improvável. A tendência é a de que esse “erro” seja eliminado com a adequação do programa a cada mercado consumidor.

Se a questão do tempo é bem marcada na composição dos cabeçalhos dos *blogs*, o mesmo não ocorre com a questão do espaço. Nas análises realizadas, não encontrei exemplos de cabeçalhos nos quais figurassem a referência ao nome da cidade ou do país de atuação do escrevente. A indicação do lugar no qual se escreve não é prática comum em diários tradicionais, mas ela pode acontecer, como nos diários de viajantes que ora se encontram num lugar, ora em outro. As referências sobre o espaço aparecem no cabeçalho como no corpo do texto, para o reconhecimento posterior no momento da leitura. No caso dos *blogs*, não há um dispositivo automático da ferramenta que identifique e exponha o lugar de onde se escreve. O escrevente é quem pode contar ao leitor, no acaso de suas histórias, sobre o lugar de onde escreve, como fez Perdida num de seus *posts*:

¹⁰ A propósito de parâmetros para uma caracterização dos gêneros emergentes em ambientes virtuais, cf. Marcuschi (2002 : 14-19).

... E hoje tivemos chuvas fortes durante toda a tarde e parte do anoitecer na região sul de Minas Gerais. A senhorita Perdida não pôde sair de casa devido ao mau tempo (...)
[::Perdida no Paraíso. Uma estranha no Paraíso.: (41.F) (os destaques são meus)]

Foi pela descrição do lugar físico e por algumas outras informações que pude saber que Perdida era uma brasileira de Minas Gerais. Como os *blogs* são produzidos para serem veiculados pela internet, isto é, na trama dos computadores interligados no mundo todo, a referência ao lugar de onde se enuncia parece irrelevante, a não ser quando faz parte da composição das histórias. Da perspectiva de um apagamento da referência do lugar no cabeçalho, pode-se depreender uma certa estratégia de sigilo sobre o espaço de enunciação empírico para a construção de um outro espaço, aquele no qual o escrevente imagina escrever o que bem entender. A ausência dessa referência explícita indicia o momento em que o escrevente “sai” do lugar físico para se constituir num outro espaço, na virtualidade do trabalho da (sua) escrita e na integração com outros recursos semiológicos. O usuário procura trabalhar, da maneira mais atraente possível, o ambiente da página na qual circulará os escritos sobre si.

Da perspectiva de uma rede de comunicação como a internet, o espaço a ser ocupado é infinito. O trabalho do escrevente é, pois, bastante árduo. Como obter a atenção do Outro? Como dar visibilidade ao *blog* para que ele seja acessado pelos outros milhares de usuários?

Uma das principais características atribuídas aos suportes eletrônicos da internet é a questão da interatividade. Trata-se da interface entre o usuário e a máquina, mas também da possibilidade de contato entre o usuário e outros usuários, na utilização de ferramentas que impulsionam a comunicação de maneira veloz, com a eliminação de barreiras geográficas. A noção de interatividade na internet pode ser assim associada à questão do tempo e à do espaço. Interessa-me analisar a interatividade na *intertextualidade* e no *modo de circulação* dos textos produzidos.

O suporte material da internet coloca o escrevente em contato com o Outro. Sua utilização condiciona novas práticas para a escrita e a leitura das páginas hipertextuais. Por meio de *links*, textos escritos, imagens e sons podem ser associados de modo não linear num “mundo textual sem fronteiras”, visto que as ligações eletrônicas podem ser realizadas entre textos em número virtualmente ilimitado (Chartier, 2003). A interatividade característica do suporte é evidenciada nessa produção de escritos sobre si veiculados de maneira pública pela internet. Não se trata dos segredos do indivíduo, velados pelas práticas diaristas tradicionais. Os *blogs* são redigidos para que as histórias pessoais sejam compartilhadas abertamente.

Retomo o fragmento do *blog* de Perdida, no qual a escrevente se identifica como uma “garotinha de vinte anos um pouco deprimida e que por enquanto não pensa em fazer faculdade nenhuma”. Em gêneros como o diário íntimo e a confissão poder-se-ia imaginar a produção de um texto como esse, que seria mantido como segredo. A prática de escrita dos *blogs*, entretanto, coloca em evidência as mais diversas questões humanas para que elas sejam lidas e discutidas pelo Outro. Não importa que outras pessoas reconheçam a depressão ou a falta de perspectiva na carreira profissional; o importante é que as histórias circulem e ocupem o espaço da rede.

Na primeira linha do fragmento indicado, a expressão em negrito Strange Little Boy indica o *link* para esse *blog*. O suporte oferece dispositivos para o vínculo entre os textos em rede. A intertextualidade torna-se, pois, explícita no mecanismo dos *links* das páginas hipertextuais. Como propriedade discursiva, a intertextualidade remete tanto à

propriedade constitutiva de todo texto como ao conjunto das relações explícitas ou implícitas que um texto mantém com outros textos (Charaudeau & Maingueneau, 2002 : 327-329). Ao clicar na expressão, há a ligação para outra página hipertextual. Nas análises realizadas, o modo de redação dos textos com a indicação de *links* para outros *blogs* se mostrou uma prática corrente. Há quem disponibilize uma lista de *links* para os *blogs* favoritos, colocada, quase sempre, à margem esquerda da tela do computador.

Deve-se observar a relevância da escolha lexical dos *links*. No exemplo avaliado, trata-se da designação pelo nome (ou apelido) do escrevente. A própria escrevente do *blog* coloca um *link* na “assinatura” de seu texto. O *link* para o envio de *e-mail* é o endereço eletrônico do *blog* de Perdida acompanhado do desenho de uma rosa. Do meu ponto de vista, o emprego de dispositivos como os *links* na redação das páginas hipertextuais evidencia tanto a intertextualidade explícita entre os textos em rede quanto um determinado modo de circulação dos escritos pessoais. Levando-se em consideração a almejada visibilidade, a exibição do nome (ou apelido) é uma marca registrada que circula no espaço da rede.

A interatividade atribuída à internet ganha contornos ainda mais sedutores quando trabalhada em relação a uma imagem de leitor. Retomo um *link* específico do mesmo fragmento, que se encontra na parte final da “assinatura”. Trata-se do enunciado interrogativo “::algo a dizer??:”, personalizado pelo emprego de sinais de pontuação (os dois pontos, repetidos duas vezes em cada lado) em sua composição. O enunciado representa um dispositivo para o envio de comentários sobre o texto que o precede. Esse recurso foi constatado na construção de todos os *blogs* analisados. Como *link*, caracteriza a possibilidade de contato entre escrevente e leitor. Em termos de interatividade, a inserção de um enunciado interrogativo ao término de um relato pessoal pode ser interpretada como um apelo explícito à participação do Outro. Perdida parece expressar essa sua ansiedade quando emprega dois pontos de interrogação para a formulação de sua pergunta, no lugar da utilização de um único.

Considerações finais

Neste artigo, procurei apontar para algumas características da atividade de escrita sobre si nos *blogs*. As análises sobre a produção textual de escreventes brasileiros demonstraram que a prática dos *blogs* difere de uma prática diarista tradicional, como se costuma apregoar. É de fundamental importância a problematização do suporte material para a avaliação de novas relações com as práticas de escrita. O tratamento dos eixos tempo, espaço e interatividade no evento textual dos *blogs* foi concebido a partir de sua constituição pelo suporte material específico.

O uso da chamada ferramenta de auto-expressão parece permitir, de fato, a emergência de uma relação temporal síncrona na produção dos *blogs*. Por meio de dispositivos como os *links*, há um modo de circulação dos textos que busca preencher o espaço da internet, na intertextualidade, sempre constitutiva, da linguagem. A questão da interatividade atribuída ao suporte é inegável, seja na relação entre o usuário e a máquina ou nas relações interpessoais que se procura estabelecer na rede.

Gostaria, por fim, de deixar sinalizada a crença de que a comunicação mediada por computador é uma das práticas possíveis para se buscar no Outro resposta às questões subjetivas. A necessidade do Outro para a constituição do sujeito é imprescindível e independe dos suportes materiais utilizados.

Palavras-chave: *escrita; gênero de discurso; intertextualidade; blog; suporte material; público / privado.*

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BEACH, R. & LUNDELL, D. Early adolescents' use of computer-mediated communication in writing and reading. In: REINKING, D. et al. (Eds.) *Handbook of literacy and technology: transformations in a post-typographic world*. Mahwah (NJ): Lawrence Erlbaum, 1998. p.93-112.
- BRAGA, D.B. A constituição híbrida da escrita na internet: a linguagem nas salas de bate-papo e na construção dos hipertextos. *Leitura: teoria e prática* 18 (34): 23-29. Campinas (SP): Associação de Leitura do Brasil (ALB), Mercado de Letras, 1999.
- CASHEL, J. Interview with Evan Williams, Blogger. Endereço eletrônico: <http://www.onlinecommunityreport.com/features/blogs>. Acesso em janeiro de 2003.
- CUSIN-BERCHE, F. & MOURLHON-DALLIES, F. Le débat autour des OGM sur Internet: entre parole citoyenne et parole savante. In: CUSIN-BERCHE, F. (Org.) *Rencontres discursives entre sciences et politique dans les médias: spécificités linguistiques et constructions sémiotiques. Les Carnets du Cediscor*, 6. Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, 2000. p.113-130
- CRYSTAL, D. *Language and the internet*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- CHARTIER, R. Lecteurs et lectures à l'âge de la textualité électronique. In: ORIGGI, G. & ARIKHA, N. (Orgs.) *Text-e: le texte à l'heure de l'Internet*. Paris: Bpi / Centre Pompidou, 2003. p.17-50.
- CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, D. (Orgs.) *Dictionnaire d'Analyse du Discours*. Paris: Seuil, 2002.
- CORBIN, A. O segredo do indivíduo. In: PERROT, M. (Org.) *História da vida privada*, v.4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p.419-501.
- CORRÊA, M.L.G. A relação falado/escrito e a construção dos dados no fórum "Índio Pataxó". *Alfa – Revista de Linguística*. 6 (43): 45-68. São Paulo: Editora da UNESP, 1999a.
- _____. Dados lingüísticos e discursivos no fórum "Índio Pataxó": primeiras discussões. In: MOURA, D. (Org.) *Os múltiplos usos da língua*. Maceió (AL): edUFAL, 1999b. p.229-232.
- DEBRAY, R. *Curso de midialogia geral*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1993.
- KIEFFER, R.D.; HALE, M.E. & TEMPLETON, A. (1998). Eletronic literacy portfolios: technology transformations in a first-grade classroom. In: REINKING, D. et al. (Eds.) *Handbook of literacy and technology: transformations in a post-typographic world*. Mahwah (NJ): Lawrence Erlbaum, 1998. p.145-163.
- KOMESU, F.C. *A escrita das páginas eletrônicas pessoais da internet: a relação autor-herói / leitor*. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2001.
- _____. As relações intergenéricas constitutivas da escrita das *home pages*. In: ABAURRE, M.B.M.; MAYRINK-SABINSON, M.L.T. & FIAD, R.S. (Orgs.) *Estilo e gênero na aquisição da escrita*. Campinas (SP): Komedi, 2003. p.223-263.
- LABBO, L.D. & KUHN, M. Eletronic symbol making: young children's computer-related emerging concepts about literacy. In: REINKING, D. et al. (Eds.)

- Handbook of literacy and technology: transformations in a post-typographic world.* Mahwah (NJ): Lawrence Erlbaum, 1998. p.79-91.
- LEJEUNE, P. *Cher écran...*: journal personnel, ordinateur, Internet. Paris: Seuil, 2000.
- MAINGUENEAU, D. *Genèses du discours*. Liège: Mardaga, 1984.
- _____. *Novas tendências em análise do discurso*. 3.ed. Campinas (SP): Pontes, Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.
- _____. *O contexto da obra literária: enunciação, escritor, sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- MARCUSCHI, L.A. *Gêneros textuais emergentes e atividades lingüísticas no contexto da tecnologia digital*. Conferência apresentada na USP por ocasião do GEL – Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, realizado entre os dias 23-25 de maio, 2002.
- MARTIN-FUGIER, A. Os ritos da vida privada burguesa. In: PERROT, M. (Org.) *História da vida privada*, v.4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p.193-261.
- OLIVEIRA, M. A onda agora é contar a vid@ na internet. *Tudo*. São Paulo: Abril, 9 de agosto de 2002. p.20-21.
- UOL. Weblogs viram mania. Endereço eletrônico: <http://cgi2.uol.com.br/cgi-bin/info/print.cgi>. Acesso em 30 de julho de 2001.